

O CICLO PASCAL EM IDANHA-A-NOVA

por

António Silveira Catana¹

Resumo: Este artigo aborda as principais representações do ciclo pascal em Idanha-a-Nova (Centro interior de Portugal), perspectivadas como práticas de religiosidade popular atual. Destaca-se o papel desempenhado por mulheres. Descreve-se a mobilização social em curso com vista à apresentação duma candidatura dos Mistérios da Páscoa a inscrição na lista de Melhores Práticas da UNESCO, elaborando-se um bem de património cultural imaterial (PCI).

Palavras-chave: Mistérios da Páscoa; liturgia católica; religiosidade popular; UNESCO; PCI; Portugal.

Resumen: Este artículo trata sobre las representaciones del ciclo pascual en Idanha-a-Nova (centro interior de Portugal) como manifestación de la religiosidad popular. Se destaca especialmente el papel actual desempeñado por mujeres. Se describe la movilización social en curso para la presentación de la candidatura de los Misterios de Pascua en la Lista de Mejores Prácticas de la UNESCO, elaborando así un bien de patrimonio cultural inmaterial (PCI)..

Palabras-clave: Misterios de Pascoa; liturgia católica; religiosidad popular; UNESCO; PCI; Portugal.

O raiano concelho de Idanha-a-Nova, o quarto do país em extensão, reúne um conjunto admirável de práticas e expressões religiosas no ciclo da Páscoa que abrange o período desde quarta-feira de cinzas até ao domingo de Pentecostes.

Por força da acção evangelizadora templária, de ambos os conventos franciscanos, da singularidade de possuir em actividade nove santas casas da misericórdia, de afeiçoadas e afeiçoados guardiões em cada comunidade, de párocos felizmente atentos às recomendações do Concílio do Vaticano II, condensa com muita genuinidade ainda muitas das devoções e práticas rituais, sobretudo no ciclo pascal, fazendo com que o mesmo concelho seja considerado de referência pela sua matriz identitária rural.

É certo que somos herdeiros de uma milenar história patriarcal. É certo que em tempos não muito distantes havia ainda uma sub-representação das mulheres,

¹ Investigador da cultura local. Contacto: ascatanaidn@gmail.com. Por resolução pessoal, o autor não escreve segundo o novo Acordo ortográfico.

quer nos protagonistas, quer na narrativa das práticas e expressões religiosas. Porém, também nestas terras arraianas da Idanha, constata-se que se vem esbatendo tal desigualdade de género, nos últimos decénios, graças a uma maior participação das mulheres e do seu assumir de responsabilidades, não só no campo social como também no da devoção popular.

Dada a gritante perda da população não só no concelho de Idanha-a-Nova como nos demais do interior, as irmandades das santas casas da misericórdia, passaram a admitir irmãs para assegurar a manutenção dos actos de culto externo ou interno de acordo com o respectivo Compromisso. Devido ao seu notório empenhamento, actualmente duas desempenham o cargo de provedoras na Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Alcafozes e do Rosmaninhal e uma outra o de vice-provedora na da Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova. Refira-se ainda o crescente envolvimento das mulheres como detentoras, de um modo especial no caso do Canto da Encomendação das Almas.

Na realidade, as gentes simples e de coração lavado das terras da Idanha vêm merecendo que, de ano para ano, cresça o número de visitantes que se deixam contagiar com as suas vivências dos mistérios profundos. Estes fazem parte do imaginário da sua infância, mormente, no período pascal, embora sem o recolhimento e o fervor desmedido, sem os rigorosos e obrigatórios jejuns e abstinências e sem as penitências voluntárias com práticas desumanas de mortificação, comuns noutros tempos mais recuados.

Tais vivências dos mistérios profundos das suas hospitaleiras e solidárias gentes, na maioria de cabelos brancos como a neve, expressam-se na nobre simplicidade dos gestos e das orações da piedade popular, nas expressões dos rostos das e dos guardiões das memórias, onde afluem profundos sinais da mais íntima espiritualidade, nos silêncios sepulcrais das procissões em louvor de Deus em homem amortalhado na agudeza da Paixão, nos inúmeros cantos, dentro dos espaços sagrados ou de rua cujas vozes enchem a noite de uma profunda magia que só experimenta quem as ouve. Tais cantos nocturnos que ecoam na serenidade da vasta campina, de um modo especial no da Verónica, no das Três Marias. Também assim acontece no da Encomendação das Almas, quando pasmam e humedecem os olhos da grande maioria das detentoras, que os dedicam aos seus entes queridos e às almas do Purgatório. Após a ressurreição do mesmo Deus em homem, espelham o regozijo e a alegria do coração e da alma, sentidas com os olhos da fé, cantando as alvíssaras à Virgem Mãe ao ritmo do toque do milenar do adufe tocado com arte por mãos de mulheres calejadas e hábeis.

O ciclo pascal é rico, nestas terras arraianas, em inúmeras dessas manifestações da piedade popular, arreigadas e firmadas desde cultos pré-romanos até

às vivências da devoção popular dos nossos dias, em que algumas espelham a sensação de que o tempo parou e que é constatada por visitantes desconhecedores desta ingénuo pureza de valores antropológicos e cristãos. Todo este conjunto admirável de devoções e práticas rituais merecem estudo atento por especialistas para melhor conhecermos as raízes identitárias das gentes das terras das Idanhas.

O APRENDIZ DE ETNÓGRAFO E DE HISTORIADOR DA RELIGIOSIDADE POPULAR

Desde os meus tempos de infância, saboreei muitas das delícias da afortunada herança de uma cultura intangível de tradições remotas, na voz límpida e bem timbrada de minha saudosa e querida mãe, Isabel Maria Silveira, ao entoar os cantos de quaresma, de romaria e de trabalho sempre que realizava as costumeiras lides de casa. Estes últimos aprendera-os conjuntamente com o rancho das mulheres e das raparigas enquanto mondavam e sachavam sobre o olhar atento do capataz. Ranchos de gente que possuía a virtude de saber espantar a miséria, a tristeza e a melancolia, cantando mesmo durante as afadigadas e sazonais lides do campo, por força do que lhe ensinara a vida semeada de sacrifícios quotidianos ao serviço dos grandes proprietários da vila. Gente sem honras e sem reconhecimentos, tão só marcada, desde os verdes anos, pela rudeza e rizeza do trabalho, do nascer ao sol-pôr, recebendo em troca, uma magra retribuição monetária para ajuda do sustento do agregado familiar.

Habituei-me também à sonoridade do adufe, tocado com mestria, aos domingos à tarde, em ciclo local distinto, desde Sábado de Aleluia até ao São João, sempre que a minha mãe se juntava com as vizinhas, num recanto da rua de cima, sobranceira ao terraço da nossa casa, para cantarem num sentir amoroso as mais belas canções, eivadas dos ideais mais puros, revivendo os tempos de meninas e moças em que as mães e avós as cantavam.

Habituei-me ainda de criança, especialmente ao serão, em tempos em que enchiam as morcelas, as farinheiras e os chouriços, na altura da nossa matação do porco e da dos meus familiares paternos, a ouvir minha avó, Maria Lopes, a desfiar um nunca mais acabar de contos e de histórias e ainda um rosário de orações.

Anos depois, em tempo da guerra colonial, no ano de 1968, quando regressiei de cumprir o serviço militar obrigatório, em Moçambique, mais propriamente no distrito de Tete, fui colocado, na qualidade de professor efectivo do então denominado Ensino Primário, na freguesia de Alcafozes que dista 14 quilómetros da vila de Idanha-a-Nova, sede do concelho e localidade que fora cenário do meu nascimento.

Uma das raras mães dos meus alunos que ia saber do rendimento escolar do seu filho, João, terminava sempre a conversa convidando-me a participar nas procissões quaresmais da aldeia dada a circunstância de me deslocar diariamente de Idanha-a-Nova.

Em tempo quaresmal, numa bela noite de sexta-feira, com o céu estrelado, mas muito fria, ao deslocar-me a Alcafozes, já a procissão corrida tinha saído da igreja da Misericórdia, fascinou-me, no mais íntimo do meu ser, quando, no silêncio da noite, por vezes, apenas quebrado pelo latir de cães, ouvi a voz harmoniosa e encantadora do Ti Alberto Amaral, entoando a Ladainha de Todos os Santos e repetindo o povo participante o santo ou santa invocados.

Alberto Amaral, alfaiate e barbeiro, era um homem simples e sem dar nas vistas, bem-amado e reconhecido como detentor da tradição pelos alcafozenses. Ainda hoje o seu nome baila na boca dos mais idosos sempre que se referem à pureza das suas tradições religiosas. Era ele então o regrador dos actos de culto externo ou interno incumbidos à Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Alcafozes nos diferentes contextos performativos. Era o natural e exemplar guardião do tesouro das melodias e o detentor dos ritos e rituais das práticas e expressões religiosas quaresmais.

Sem sombra de dúvida que, para além da minha mãe e da minha avó, foi o Ti Alberto Amaral e o povo de Alcafozes que despertaram em mim esta minha paixão pelos bens patrimoniais imateriais de matriz rural. Passageiro único no meu automóvel, ano após ano, em muitas e muitas noites frias, fui percorrendo quilómetros e quilómetros de solidão, ao encontro de tantas e tantos generosos guardiões de uma cultura popular marcada pela fé. O crescente evoluir desta minha voluntária paixão só foi possível, graças à bênção da minha amada, embora por vezes movida de ansiedade, quando regressava, horas altas de noite tempestuosa. À medida que ia realizando o trabalho de campo, na qualidade de aprendiz de etnógrafo, mais me ia encantando e motivando com a diversidade das práticas e expressões da piedade popular, em tempo quaresmal.

Aconteceu que, o facto de ter sido coautor com o fotógrafo Hélder Ferreira (2005) do livro *Mistérios da Páscoa em Idanha*, permitiu que a partir da sua publicação, os paroquianos das diferentes paróquias do município passassem a ter real conhecimento das diversas manifestações que ocorriam nas restantes. No meu modesto parecer, tal facto foi mais um contributo para fortalecer a autoestima dos participantes nos actos litúrgicos e paralitúrgicos pascais, mormente nos detentores de cada paróquia.

A partir de 2006, nas ditas noites frias e, por vezes, regeladas, no trabalho de campo que venho efectuando, passou a acompanhar-me o técnico do muni-

cípio Alexandre Martins Gaspar que tem sido uma notória revelação devotando-se apaixonadamente ao estudo e ao registo fotográfico e fílmico das práticas e expressões da religiosidade popular das gentes das terras arraianas da Idanha que foram cenário do nascimento de ambos.

Graças ao forte incentivo da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova e ao incondicional apoio e prestimosa colaboração do citado Alexandre Gaspar, dos guardiões e das guardiãs das comunidades locais, das irmandades das santas casas da misericórdia, das confrarias e dos párocos, com início, no ano de 2009, passei a calendarizar as diferentes manifestações religiosas e a descrevê-las, embora de forma sucinta. Ano após ano, o opúsculo intitulado Agenda dos Mistérios da Páscoa em Idanha que é edição da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, com tiragem de 3.000 exemplares, é distribuído gratuitamente.

No quadro abaixo, firmadas na memória e nos testemunhos das pessoas mais idosas de cada uma das comunidades locais podemos verificar o crescente envolvimento dos detentores e dos demais participantes na reactivação de práticas e expressões religiosas que haviam esmorecido por força da hierarquia da igreja e da forte emigração, que, em especial, nos anos 60 do século passado atingiu cerca de 25% da população do concelho.

PRÁTICAS E EXPRESSÕES RELIGIOSAS DO CICLO PASCAL²

<i>Práticas e expressões religiosas do Ciclo Pascal</i>		
	2009	2017
Quaresma	106	164
Tríduo Pascal	49	76
Domingo Pascal	10	17
Prolongamento Alegria Pascal	12	15
<i>Total</i>	177	272
Comunidades envolvidas	13	18

Como atrás referi, ao longo do tempo pascal, são inúmeras e diversas as práticas e expressões religiosas que ocorrem nas diferentes paróquias do muni-

² Este artigo decorre de uma comunicação apresentada no VIII Encontro de Antropólogos Ibéricos. Agradeço a possibilidade de contar aqui esta história em formato de artigo. Os agradecimentos estendem-se às pessoas mencionadas no artigo, que contribuíram de diferentes formas para o livro e seus resultados.

cípio. De seguida, descreverei apenas as de Quinta-Feira Santa em Segura, as de Sexta-Feira Santa em Monsanto e as de Sábado Santo ou de Sábado de Aleluia em Idanha-a-Nova.

QUINTA-FEIRA SANTA EM SEGURA

Breve introdução

No concelho de Idanha-a-Nova, donde dista da sede do mesmo 38 km, mora a vetusta e raiana aldeia de Segura, situada, ali mesmo junto do rio Erges e bem pertinho da ponte internacional, a ligar um dos mais antigos percursos fronteiriços entre Portugal e a vizinha Espanha.

Um dos garantes, para que se preservem algumas das tradições multisseculares quaresmais dos segurense é sem sombra de dúvida a instituição denominada Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Segura. Em tempo de Quaresma, no ano de 2015, o então Provedor da mesma, Eduardo Fernandes da Preta, de 80 anos de idade, que desempenhara as funções de chefe mergulhador e nadador salvador, durante 36 anos, no Regimento de Sapadores de Bombeiros de Lisboa, informara-me à laia de desabafo: – *Já somos tão poucos e quase todos com uma certa idade. Se não nos unirmos, será com dificuldade conseguir-se arranjar doze Irmãos e o Provedor do ano, para levarmos avante as cerimónias tão lindas da nossa terra que os nossos pais e avós nos deixaram... tudo está preso por um fio de lã podre, mas tenho esperança que os homens do poder, cumpram o que prometem e venha sangue novo para as nossas aldeias.*

O peditório para a Ceia dos Doze

O dia de Quinta-Feira Santa para os irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Segura inicia-se com a tradição do peditório para a Ceia dos Doze. O sino da igreja da Misericórdia, tocado pelo Provedor do ano ou por outro dos irmãos, apela à reunião dos irmãos e ao mesmo tempo anuncia que vai dar-se início, dentro em breve, ao peditório. Antigamente, tal costume era bem mais cedo, mas actualmente, como a maioria dos e das residentes são reformados, é pelas nove da manhã.



Reunidos alguns dos irmãos na dita igreja, vestidos com a opa preta e escolhido o que leva o cântaro de zinco para recolher o azeite, outro, a cesta de vime para os ovos, outro, a bolsa de pano para guardar os donativos em dinheiro que vão sendo registados pelo tesoureiro e que são um contributo para a referida Ceia dos Doze, iniciam o peditório com o objectivo de percorrerem todas as ruas da aldeia, levando, à frente, a bandeira da Irmandade empunhada por um dos irmãos. Um outro dos irmãos, numa das mãos leva uma pequena cruz preta com Cristo arvorado, pendendo da mesma um laço de fita roxa, e, na outra mão, uma campainha que segura pela pegadeira de madeira que vai tocando, de vez em quando, para anunciar a presença da Irmandade com a finalidade do povo se aprontar para entregar voluntariamente a sua oferta. Atrás dos irmãos, segue o provedor do ano, vestindo a opa roxa e empunhando a vara ou bordão.

Sempre que um dos irmãos com boa voz, com boa garganta, bate à porta de cada um dos residentes da aldeia, diz: – *Esmola para a Santa Casa da Misericórdia. Quem quiser e puder, pelo divino amor de Deus.*

Desde há uns anos a esta parte, sempre que a Irmandade realiza o peditório pelas ruas, dois outros irmãos, levam ainda um cesto com pão que distribuem por todas as viúvas e viúvos, necessitados ou não.

Há que registar que o costume, desde há séculos, em Segura era de alguns dos irmãos distribuírem após a Ceia dos Doze, o pão, de porta em porta. Era a esmola oferecida às viúvas pobres e aos mais necessitados. O já citado informante, Eduardo da Preta, referiu-me que os tempos ainda bem que mudaram e que já se não justifica fazer a distribuição pela calada da noite, por já não haver tanta precisão.

Mais informou que se mantém tal hábito, mas passou-se a fazer a distribuição a todos e todas as viúvas, na hora do peditório, como atrás aludi. Fez ainda questão de lembrar que, nos seus tempos de menino e moço, viu os irmãos de opa preta, com a cabeça coberta com o capuz entregarem a esmola, na sua rua, na escuridão da noite, e que, ao entregarem o pão, procuravam não ser reconhecidos. Mais acrescentou que, ao baterem na porta, diziam apenas: – *Esmola da Santa Casa!*

As cerimónias na igreja da Misericórdia

Para além do alecrim que atapeta todo o chão lajeado da igreja da Misericórdia que fora cortado no campo pelos citados irmãos, fazem ainda parte da decoração da mesma, nas cerimónias de Quinta e Sexta-Feira-Santas, as vistosas *cabeleiras* que estão associadas a ritos pagãos primitivos que foram cristianizados, e as quais são memórias de sobrevivências de sociedades rurais, relativas a práticas propiciatórias da fertilidade das terras.

As *cabeleiras*, oferta dos fiéis ao Senhor Morto, apresentam-se em vasos com plantas provenientes da germinação de grãos de trigo e/ou de ervilhaca, colocados em ambiente de total escuridão, de modo a ficarem num louro esbranquiçado. Tal prática destinava-se, noutros tempos, uns a rogar ou agradecer bons frutos e outros por terem tido trabalho em dias ardentes e abrasadores de junho aquando da ceifa e da malha dos cereais. Actualmente, oferecem-nas para agradecer graças concedidas, como o nascimento são e escorreito de um neto ou neta, do sucesso de uma operação de um familiar ou em outros momentos de grande aflição e angústia.

No dia de Quinta-Feira Santa, os segurense jantam mais cedo, porque as cerimónias vão ser demoradas e vividas com muita intensidade. Segundo o informante Eduardo da Preta, acima referenciado, antes da missa e das cerimónias que vão ter lugar na igreja da Misericórdia, o pároco, o provedor do ano e as duas crianças que o ladeiam, nos actos litúrgicos seguintes, jantam, no Centro de Dia, a mesma ceia que o provedor, simbolizando Jesus Cristo, servirá aos doze, depois das cerimónias.

Numa das inúmeras vezes que jantei, antes da missa, nesse preciso dia, na casa da mãe da Zezinha Pechincha, Ester Ramos Caldeira, então com 66 anos de idade, perguntámos-lhe por que havia sempre naquela refeição, aquele saboroso e desenfatiado esparregado de folhas de ervas amargas. E, de rompante, respondeu-me: – *Nesta refeição de Quinta-Feira Santa, não podem faltar no acompanhamento do peixe frito (do rio), as folhas largas de urtiga, de fava, de saramagos, de celgas, de labças, de borragem, de leitugas, do nabo e das diabelhas. Na casa da minha mãe, não se comia carne no dia 25 de março, porque se dizia que o Verbo Divino encarnou nesse dia e ainda continuamos a não comer nos dias de Quinta e Sexta-Feira Santos. É a nossa tradição.*

Como mais à frente me referirei, também nesta mesma noite, na Ceia servida aos Irmãos da Misericórdia, o esparregado de ervas amargas acompanha o peixe frito.

Ao cair da tarde, ao iniciar-se a celebração eucarística, presidida pelo pároco, no mais profundo silêncio, os irmãos com meias brancas calçadas, mas com os dedos do pé direito descobertos, entram pela porta da sacristia de joelhos e com as mãos no chão vão avançando por cima do alecrim, vestidos com a opa preta e de capuz na cabeça, até chegarem aos bancos corridos onde vão sentar-se, mas mantêm-se de joelhos com as mãos no chão, enquanto não chegam também caminhando em idêntica posição, frente ao altar, o provedor do ano, acompanhado das duas crianças em que cada uma transporta um castiçal com vela acesa.



Durante a missa, o celebrante sobe ao púlpito para a pregação da homília e após historiar a Última Ceia, o pároco acena ao provedor para que inicie o

lava-pés.

De acordo com a tradição judaica, o escravo lavava os pés do senhor. Durante a Última Ceia, Cristo num gesto de profunda humildade, lavou os pés aos discípulos, antes de instituir a Eucaristia, conforme relata o Evangelho de S. João (13, 4-5): (...) *Levantou-Se da mesa, tirou as vestes e, tomando uma toalha, colocou-a à cinta. Depois deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que pusera à cinta.*

O provedor do ano, após uma mulher da comunidade, sabedora dos rituais, lhe colocar, no lado direito da cintura, uma alva toalha de linho em diagonal pelo ombro esquerdo que prende noutra com alfinetes e lhe entregar uma bacia de louça com água que irrompeu de um idêntico jarro, começa, simbólica e humildemente, o ritual do lavar os pés aos irmãos.

Num ambiente de fundo silêncio da comunidade presente, depois do provedor, num acto simbólico, lavar o pé de cada irmão e limpá-lo com a toalha presa à cintura, abraçam-se com emoção interior, espelhada em ambos os rostos, e, de seguida, esse mesmo irmão abraça também o seu antecessor.

Concluída a cerimónia do lava-pés, logo que é retirada a toalha da cintura ao provedor, volta a sentar-se, defronte do altar, ladeado pelas duas crianças do sexo feminino, enquanto os demais irmãos continuam sentados lateralmente, em bancos corridos.

No final das cerimónias, os irmãos saem também de joelhos, com as mãos no chão e às arrecuas. Não será tal arreigado costume chegado até nós, vindo desde tempos medievais, em que se acreditava que os espíritos malévolos habitavam no alto, mesmo no interior do espaço sagrado?

Acresce referir que a preponderante acção do provedor, durante a cerimónia do lava-pés, que também chegou até nós, em Segura e em Alcafozes, não terá a ver com o importante e relevante papel que desempenharam as misericórdias, nas quebras de poder da igreja pela forte tendência anticlerical, nos períodos conturbados do Liberalismo e da implantação da República? Não foram as misericórdias, nesses tempos de agitação, o garante da continuidade das cerimónias tradicionais da Semana Santa, tão ao querer e gosto do povo cristão do mundo rural?

Enquanto, desde tempos remotos, assistimos em todo o mundo cristão a que o Papa, os Bispos ou os Párocos presidam à cerimónia do lava-pés, por aqui, nestas terras arraianas da Idanha, tal manutenção do provedor de presidir à dita cerimónia vem sendo possível, no meu entender, graças ao compreensível bom senso e condescendência dos sucessivos párocos, face à meritória dinâmica das ditas irmandades das misericórdias nos citados tempos conturbados da história da Igreja Católica.

A Procissão do Encontro ou do Calvário

Terminadas as cerimónias, inicia-se na mesma igreja, já noite cerrada, a Procissão do Encontro, organizada pela irmandade da Santa Casa da Misericórdia.

O canto popular religioso tem lugar, durante o piedoso acto da procissão, em que os regradores, colocados a meio da mesma, comandam os arcaicos cânticos da Ladainha das 46 Santas, embora algumas já não constem da actual liturgia. A seguir ao canto da santa invocada, repetem sempre: – *Orai por nós!* O povo crente, participante na procissão, repete os mesmos cânticos.

É costume, nesta paróquia de Nossa Senhora da Conceição, o pároco acompanhar a procissão apenas até ocorrer o Encontro. Na verdade, este é um dos momentos mais sublimes e emocionantes que ocorre, no mais intenso silêncio, numa das encruzilhadas da aldeia, assinalada com um rústico cruzeiro de granito, bem perto da citada Igreja.

Entre os antigos, as encruzilhadas, cruzamento de caminhos, eram lugares ensombrados por lobisomens ou por espíritos com que o homem possuía interesse em reconciliar-se, eram lugares epifânicos, isto é, onde ocorriam revelações e aparições, eram lugares que conduziam à pausa e à reflexão.

Note-se que o cenário do Encontro em Segura é único no mundo cristão, bem diferente do comum Encontro entre a Virgem e a imagem do Senhor dos Passos, de vestes roxas e prostrado de joelho no chão, carregando a cruz aos ombros.

A imagem da Virgem, vestida também de roxo, simbolizando a dor, sai da igreja matriz, apenas conduzida pelos irmãos da Santa Casa da Misericórdia, a caminho da primeira encruzilhada do percurso da procissão onde vai ocorrer o ansiado Encontro. Ao entrar na dita encruzilhada, assinalada com um rústico cruzeiro de granito, já se encontra bem posicionada a bandeira da irmandade empunhada por um dos irmãos, ladeado por outros dois que conduzem as lanternas. Em momento próprio, em frente da imagem da Virgem, o irmão que conduz a dita bandeira num gesto de saudação faz uma genuflexão, secundado pelos irmãos das lanternas.

De seguida, avançam, no meio de ambas as alas da procissão para dar lugar a que se aproxime uma das três cruces com Cristo arvorado, sendo, por vezes, uma destas, a mais leve, conduzida por uma mulher, por cumprimento de promessa.

Para os fiéis desta comunidade, no momento do Encontro, as duas primeiras cruces, posicionadas na procissão, representam os dois ladrões crucificados, no sítio do Calvário ou Gólgota, ladeando Jesus Cristo. A terceira, a maior, é a que representa Jesus Cristo, no momento da Sua crucificação e morte.

Após a acima mencionada vénia da bandeira da irmandade à imagem da Virgem, surge um irmão ou uma devota conduzindo a primeira cruz em frente

da imagem da Virgem em que os irmãos que a suportam sobre os seus ombros ficam imóveis, simbolizando para os fiéis presentes, que não reconhece na mesma cruz o Seu Amado Filho. Acontece o mesmo com a aproximação da segunda cruz. Quando o irmão que conduz a terceira cruz, considerada para a comunidade crente, a que possui o verdadeiro Cristo arvorado, se aproximar dos irmãos que carregam a imagem da Virgem, dá três passos atrás. Voltando a repetir, o mesmo gesto de aproximação e dando de novo três passos atrás. Só à terceira vez, como que só nesse instante a Virgem reconheça o seu amado filho, acontece que os irmãos que carregam a imagem da Virgem genuflectem, perante a vénia da cruz, identificada com a imagem de Cristo arvorado, empunhada pelo irmão.

Toda esta representação cénica, marcada por um fundo respeito e um sossego de oiro, cala profundamente todos os segurenses, bem como todos os outros participantes cristãos ou não.

A procissão vai prosseguindo o percurso por ruas, ruelas, quelhas e veredas, enquanto os regradores, colocados a meio da procissão continuam entoando em alta voz a ladainha, invocando o nome de cada uma das 46 Santas, constantes dos apontamentos que seguram nas mãos. As 46 santas da ladainha, registadas nos apontamentos, conforme grafia dos mesmos, são as seguintes: Santa Maria, Santa Madalena, Santa Isabel, Santa Teresa, Santa Rita, Santa Filomena, Santa Lúcia, Santa Josefa, Santa Anastácia, Santa Micaela, Santa Basilissa, Santa Martinha, Santa Verónica, Santa Inês, Santa Brígida, Santa Doroteia, Santa Margarida, Santa Perpétua, Santa Franciscana, Santa Tecla, Santa Catarina, Santa Mónica, Santa Joana, Santa Ângela, Santa Juliana, Santa Pulquéria, Santa Marinha, Santa Cristina, Santa Ana, Santa Marta, Santa Clara, Santa Rosa, Santa Eufémia, Santa Libânia, Santa Regina, Santa Eurélia, Santa Rafaela, Santa Gertrudes, Santa Cecília, Santa Bebiana, Santa Barbara, Santa Leocádia, Santa Luzia, Santa Adelaide, Santa Fausta e Santa Francisca.

Registe-se que a primeira mencionada é Santa Maria e a segunda é Santa Madalena, a padroeira dos Templários.

A procissão, iluminada apenas pelas velas, ao passar por fora da povoação, atravessando o campo de particulares, vai-se aproximando de um lugar alto denominado Calvário onde se encontram as três cruzes de pedra de granito, bem enegrecido pelo rodar dos anos.

Ao chegar a procissão ao local, cada irmão ou irmã que conduz as ditas três imagens posiciona-se junto de cada uma das cruzes de granito. Permanecendo, junto da maior o que conduz a cruz que para o povo representa o Santo Crucifixo. A imagem da Virgem, aos ombros dos irmãos, é disposta lateralmente às cruzes.

Arrumadas as imagens, nos lugares do costume, há tempo para silêncio, recolhimento e oração individual. Na escuridão da noite, apenas a luz das velas ilumina os rostos do povo crente e devoto. O belo e ímpar cenário evoca o sacrifício divino e apela a sentimentos de emenda das faltas cometidas, conforme pretendem atestar as preces que se proclamam.

À voz de um dos regradores rezam:

*Um Pai Nosso à Sagrada Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.
Um Pai Nosso pelas almas do Purgatório em geral e que Deus as chame
à Sua Santíssima conta.*

Um Pai Nosso pelo maior pecador que aqui houver e que Deus o converta na sua Divina Graça.

Uma "Salva" Rainha a Nossa Senhora.

E, de seguida, num latinório, cantam:

Quirié lá inzone (Christe, eleison) Cristo, tende piedade de nós!

Quirié lá inzone (Christe, audi nos) Cristo, ouvi-nos!

Quiristé lá Aldinós (Christe, exaudi nos) Cristo, atendei-nos!

Senhor de Misericórdia

Senhor de Misericórdia

Senhor de Misericórdia

Filho Redentor do Mundo

Dondés Déos, miseréem-nós

Patre Santo que é Deus

Dondés Déos, miseréem-nós

À semelhança doutras antecessoras e conforme atesta a reportagem do Diário de Coimbra, intitulada: *Mulher prega há 42 anos o Sermão do Calvário*, a saudosa Ti Lola, Leonor dos Ramos, ali mesmo naquele lugar e naquele momento, antes de pedir para se rezar, pelas intenções acima mencionadas, pregava de improviso à sua maneira o dito sermão.

Sou daqueles a quem a Divina Providência me concedeu a graça de ainda presenciar esses momentos encantadores da devoção piedosa da, então viúva, Leonor dos Ramos, reconhecida narradora da memória e uma incontestável guardiã de ritos e cantos quaresmais.

Depois de ter assistido a um desses sermões, pedi-lhe, posteriormente, que me escrevesse o sermão do Calvário que costumava proferir de cor. Passado algum tempo, escreveu o texto referente ao sermão, do qual guardo religiosamente cópia e que de seguida passo a transcrever:

Jesus a caminho do Calvário sofreu os seus martírios e os últimos tormentos. Com o madeiro verde que foi cortado pelos Judeus e do qual fizeram uma cruz pesada e lha colocaram sobre os ombros, seguiu Jesus para o Calvário, com a qual já não podia. Simão de Cirene pediu a Jesus para Lha ajudar a levar. Grande desejo era o seu de o ver nela penar. Seguiam-no uma grande multidão de onde ia também Pilatos que era, nesse ano, governador da tribo dos Judeus e outra multidão de mulheres. Mais além, acompanhavam a Mãe de Jesus, sua irmã Maria e Maria Madalena. Toda a multidão chorava copiosamente por verem o sofrimento de Jesus. Todo o percurso da caminhada açoitavam Jesus com chicotes e varapaus, até Jesus cair ao chão pela primeira vez. Voltou a cair pela segunda e terceira, chegando até beijar terra com sua divina Boca. Chegando aqui, ao Monte do Calvário, depois de O açoitarem novamente, cuspiam-lhe na Cara. Tiram-Lhe a Cruz e deitam-no na mesma com os Braços e os Pés encruzados pregados com grossos, como veem estes cravos. Levantaram a Cruz e Jesus disse:

– Tenho sede.

Havia ali um vaso com fel e vinagre. Então, os guardas dos judeus pegaram numa esponja e ensoparam-na no vinagre e deram-na a beber, mas Jesus não bebeu e disse:

– Tudo está consumado.

E, inclinando a Cabeça expirou. Os guardas dos judeus vendo Jesus já morto, correram a Pilatos para lhes dar ordem, para Lhe partirem as pernas. Pilatos disse:

– Não Lhas quebrareis, nem um osso só.

Os guardas indignados chegaram a Jesus e cravando-Lhe uma lança, atravessaram o peito, aonde começara a jorrar sangue e água.

José de Arimateia, um homem rico e decidido, correu entre a multidão, mas oculto para o não conhecerem foi pedir o corpo de Jesus para ser sepultado. Pilatos entregou-lhe o corpo de Jesus. José de Arimateia e Nicodemos descem-No da Cruz. Bendito, bendito sejas. Sua Mãe ao ver sofrimento do Seu Filho Amado, exausta e sem forças, acompanhada de sua irmã Maria e de Maria Madalena, para ajudarem. Enquanto os discípulos sentando o Filho de Maria ao colo, pediam uma toalha. Ao abrirem a toalha aparece a Figura de Jesus da maneira como havia de ser sepultado. Não cravado de pés e mãos, mas o Seu Divino Corpo estendido e os Seus braços cruzados, sobre o Seu peito chagado pelos malfetores. Quem tudo viu dá testemunho e o seu testemunho é verdadeiro.

Rezemos mais um Pai Nosso pelo amor de Jesus e pelo nosso amor por Jesus.

Assina: Lôlá

Segura, 1997

Registe-se que, quer no Museu Paroquial de S. Miguel d’Acha, quer no da Santa Casa da Misericórdia de Proença-a-Velha pode o visitante observar um envelhecido Santo Sudário em tecido de linho com a pintura do corpo de Cristo em tamanho natural e com “*os Seus braços cruzados, sobre o Seu peito (...)*”, conforme, via tradição oral, é descrito pela Ti Lola.

João Moreira Carreiro, então com 68 anos de idade, o principal regrador, informou-nos que continuam a seguir os apontamentos das solenidades da Semana Santa que pertenceram à saudosa Leonor Ramos Pereira, mais conhecida por Ti Lola que veio a falecer em 14 de agosto de 1998, com 83 anos de idade.

Tal como, desde remotos tempos, após a paragem, no Calvário, a procissão regressa ao ponto de partida, a igreja da Misericórdia, continuando a ecoar durante percurso processional e no silêncio da noite, a citada ladainha.

No final da Procissão do Encontro ou do Calvário, em Segura, é costume as mulheres cortarem um raminho de alecrim e levarem-no para casa. Maria Leonor Robalo Baptista Carreiro, então com 67 anos de idade, natural de Segura e residente em Idanha-a-Nova, informou-me que, desde pequenina que viu a sua avó levar para casa um raminho bento dos que cobrem o chão da Igreja da Misericórdia. Acrescentou que ainda hoje traz de Segura o ramo de alecrim para a sua casa em Idanha-a-Nova e coloca-o atrás da porta de entrada para não cair fásca na sua morada. Também ouvi dizer a outras informantes da mesma localidade que o chá do ramo de alecrim bento faz bem às doenças da cabeça. Concluída a procissão, os irmãos que levaram a imagem da Virgem reconduzem-na para a igreja matriz, acompanhando-os muitos fiéis, reinando o silêncio durante o percurso. Terminado o acto, em frente do portal da igreja, é cantada com muita devoção, pelos devotos participantes a Salve-Rainha.

A Ceia dos Doze

Por volta da meia-noite, continua a Irmandade da Santa Casa de Segura a recriar a Última Ceia, na qual Jesus Cristo instituiu a Eucaristia. É a denominada Ceia dos Doze que é servida no Centro de Dia, sempre que o provedor do ano, não tenha possibilidade de que a mesma seja servida na sua habitação.

Para além da sopa, pão e vinho, o prato comum nas quatro Ceias dos Doze do concelho, é o bacalhau, embora confeccionado de diferentes maneiras, mas em Segura é ainda servido o peixe frito do rio, pescado ali bem perto, no rio Erges, acompanhado de esparregado de ervas amargas atrás mencionadas.

Não será tal tradição, em Segura, do esparregado de ervas amargas uma evocação do que Deus disse a Moisés e a Aarão no Egipto, ao instituir a Páscoa? Não terá a ver com a presença dos judeus em algumas localidades desta região, incluindo Segura? Pois o atrás citado Livro do Êxodo refere: «Nessa mesma noite, comer-se-á a carne assada ao fogo com pães sem fermento e ervas amargas.» (Ex 12,8). Ora a ceia pascal judaica, para além do cordeiro tradicional, é constituída por frutas em calda e ervas amargas conservadas em vinagre. As ervas amargas são comidas em memória do que o povo israelita sofrera no Egipto. Não terá a ver o hábito de comer o esparregado das ervas amargas com a presença de comunidades judaicas em terras arraianas das Idanhas e que de uma forma subtil o conseguiram introduzir na Ceia dos Doze? Garcia (2009), numa comunicação que apresentara, no Centro Cultural Raiano de Idanha-a-Nova, afirmou que:

(...) No início do século XVII, regista-se um decréscimo populacional.
(...) As fintas convidavam também a sair do país. Por exemplo, no concelho de Idanha-a-Nova, em 1631, foram arrolados para pagamento do juro do Perdão Geral de 1605, mais de 75 cristãos-novos, assim distribuídos: Idanha-a-Nova: 40; Monsanto: 15; Proença-a-Velha: 8; Medelim: 1; Salvaterra: 2; Segura: 1.

É óbvio que para além dos cristãos novos arrolados, nesta precisa data, muitos outros permaneceriam em terras da Idanha. Medelim onde também se regista apenas um arrolado, ainda hoje ostenta na sua toponímia a Rua da Judiaria e onde, nos anos 70 do século passado, destruíram um edifício que fora sinagoga.

Nos finais dos anos 80 do século passado, foi-me concedida autorização para entrar na sala de jantar da casa do então provedor, quando estava prestes a terminar a ceia. Constatei então que todos se encontravam vestidos com a opa preta, excepto o provedor em que a mesma era de cor roxa e ninguém falava, no decurso da refeição. A ceia fora confeccionada pela sua família, porém, no momento de se iniciar o repasto, de acordo com a tradição, todas as mulheres da família saíam de casa. Cabia, e ainda hoje cabe ao provedor servir a refeição aos irmãos, mantendo-se o costume de rezar, no final da mesma, orações pelos irmãos falecidos que serviram a Santa Casa da Misericórdia e de acção de graças pelos presentes.

A Encomendação das Almas

Ainda na escuridão da noite de Quinta-Feira Santa, de há uns anos a esta parte, um grupo de segurense, constituído por homens e mulheres, reactivou o costume de cantar, junto à torre, a encomendação das almas, após finalizar a Procissão do Encontro ou do Calvário. Todavia, por ser diferente, o modo de encomendar as almas do povo de Segura, em relação ao que conheço nas demais paróquias do concelho, aos amantes desta temática aconselho a pormenorizada descrição em Andrade (1949).

SEXTA-FEIRA SANTA EM MONSANTO

Breve introdução

A prendada e histórica aldeia de Monsanto conquistara, em tempos do Estado Novo, no ano 1938, o Galo de prata, no concurso da aldeia mais portuguesa, não só pelas suas belezas naturais, mas também mercê dos usos, costumes e tradições dos Monsanto, bem expressivos das suas raízes identitárias. Graças às tradições de séculos, piedosamente preservadas, embora sem a energia anímica de outros tempos, os dias da Semana Santa continuam a ser sagrados não só para o povo que mora na vila, mas também para o que mora nos 17 lugares e lugarejos que circundam o mítico e inexpugnável morro com o mesmo nome. Também já não sobem por caminhos tortuosos e sinuosas veredas, até à vila, para assistirem às citadas cerimónias, dado que a grande maioria dos Monsanto já é de idade avançada. Actualmente, a autarquia local assegura o transporte em veículos para que cumpram os preceitos legados pelos seus avoengos.

Em dia de Sexta-Feira Santa, em Monsanto, habitualmente pelas 20,30 horas, na igreja Matriz de S. Salvador, repleta de fiéis, orgulhosos do seu passado, as cerimónias religiosas, ricas em vários contextos performativos, começam com a leitura da Paixão que é escutada em exemplar silêncio. Acontece que, no preciso momento do narrador ler *E, inclinando a cabeça, expirou*, os irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Monsanto dispersos pela igreja, simultaneamente, colocam na cabeça o capuz do respectivo balandrau ou opa, de cor preta. Mantêm o capuz na cabeça até ao momento final das cerimónias dessa noite.

Terminada a leitura da dita Paixão, segue-se a Oração Universal. Depois, um dos irmãos dirige-se para o altar-mor e, puxando um cordel, vai correndo um

pano de seda roxa que, ao mesmo tempo, vai descobrindo Cristo arvorado na cruz que estava completamente encoberto. Nesse momento, o celebrante canta: – *Eis o madeiro da Cruz no qual esteve suspenso o Salvador do Mundo.*

E o povo entoando três vezes, sempre em tom cada vez mais alto, responde: – *Vinde adoremos.*

Depois do breve cântico, o celebrante dirige-se para a imagem articulada de Jesus Cristo que, na noite anterior havia sido conduzida no esquife para a igreja, e beija os pés da dita imagem arvorada na cruz. Tal gesto é depois secundado, primeiramente, por todos os irmãos e a seguir pelos devotos presentes que o desejem praticar, enquanto se ouvem os cânticos dos Impropérios e o da Paixão.

No decorrer da adoração e do beijar da cruz, com Cristo arvorado que contemplam, é ocasião de muitos dos fiéis reflectirem sobre o sacrifício divino e os próprios pecados.

Concluído o ritual da adoração e do beijar da cruz, o celebrante, procede à distribuição da comunhão cujas hóstias provêm da sagrada Reserva e haviam sido consagradas, na missa da noite anterior, Quinta-Feira Santa, visto que em dia de Sexta-Feira Santa não se celebra missa. As cerimónias prosseguem de seguida com o Sermão do Senhor Crucificado.

A representação cénica de Maria Madalena no Sermão do Senhor Crucificado

A presença da mítica e mística personagem Maria Madalena, em Monsanto, está presente, não de uma forma subtil, mas bem vincada e marcante, precisamente, em momento próprio do dito sermão do Senhor Crucificado. Assim acontece, quando o pregador, no púlpito, começa a historiar a vida de Madalena. Surge então, junto do guarda-vento, uma linda rapariga, de volumosa cabeleira solta, trajada de luto, com rosas vermelhas a enfeitar os cabelos e com um xaile vermelho que lhe cai dos ombros. Esta, com um ar provocante, caminha pela coxia, até que, em certo momento, o pregador narra o seu arrependimento. Repentinamente, Madalena dá um grito, despoja-se do xaile vermelho, das rosas e do ramo de flores, enquanto corre a prostrar-se aos pés de Cristo arvorado na cruz. Nesse acto, uma outra jovem cobre-a então com um véu preto. Terminada a encenação, a jovem toma o lugar destinado, na capela-mor, e o sermão continua.

Relativamente à vivência da representação cénica de Maria Madalena, Almeida (1992), registara o seguinte depoimento da monsentina Adosinda Pantaniscas:

(...) Ai, os homes no cor, inté s'impinavam p'ra la verem e ela sempre numa fona, d'um lado p'ro outro, - e assim c'om aqueles tregêtos - c'mo uma mulher da vida... vossemecê percebe, num percebe?!!!

Vai daí - quando ela vê Nosso Senhor na cruz - coitadinha - bota o xaile pró xão - avanta a flor do cabelo e bota-se de joelhos ós pés da cruz e c'aqueles cabelos pretos a varrerem-le o xão...

Ai que mai bem fêta, inté o povo xorou.

É a coisa mais linda da Sumana Santa. O nosso Padre lá assentado - naquela poltrona qui l'arranjaram - mas nem os olhos alevantava do xão. - Cá p'ra mim, ele nem gosta munto destas partes - mas se calha um dia ele tirar a Maria Madalena arrependida das cerimónias da Páscoa, o povo dá cabo dele!!!

Aquando da formação de Portugal, a Ordem do Templo assentou arraiais em terras do actual concelho de Idanha-a-Nova, em 1165, com a doação, por D. Afonso Henriques da Ydania (Idanha-a-Velha) e de Mons Sanctum (Monsanto) ao Mestre da Ordem, Gualdim Pais. Nestas terras arraianas das Idanhas, a mesma Ordem reconstruira ou construíra oito fortalezas para a defesa dos ataques dos Mouros e aqui permanecera, durante 147 anos, até à sua extinção, em 1312. Sabendo-se que a padroeira dos monges guerreiros templários fora Santa Maria Madalena parece-me ser perfeitamente natural que a sua acção evangelizadora ficasse assinalada neste território que dominaram e daí que a figura de Maria Madalena continue a povoar o imaginário popular por força da tradição oral.

O Descimento da Cruz

Após a representação cénica de Maria Madalena, segue-se o enternecedor e comovente acto do Descimento da Cruz. Dois irmãos sobem por uma escada, a fim de retirarem da cruz a imagem, em tamanho natural, de Jesus Cristo arvorado na mesma. Ao despregarem os cravos, com as pancadas secas dos martelos, por vezes, fazem arrear os mais sensíveis. De seguida, com o auxílio de um alvo lençol, dobrado em faixa, quase sem O tocarem, conseguem descê-Lo, envolvendo todo o ritual de uma angélica candura e de uma espiritualidade íntima de dor, até O colocarem no esquife.



Blázquez (1992), realça que a primeira vez que em Salamanca se realizou o Descimiento, foi a 17 de abril de 1615, dentro da capela de Vera Cruz. O sermão demorou meia hora e foi pregado por um franciscano. Acrescenta ainda que três religiosos subiram a um estrado de madeira em que estava o Crucificado e detrás subiram em escadas e descravaram-No. Depositaram o corpo de Jesus nos braços de sua mãe e depois num esquife forrado de tafetá de cor roxa. De seguida, começou a procissão do Santo Enterro.

Não terão sido os franciscanos do Convento de Santo António de Idanha-a-Nova (Catana, 2007) e os do convento com o mesmo patrono da vizinha vila de Penamacor (Salvado, 2001), aquando dos sermões que proferiam pelas povoações em redor, durante a Semana Santa que incentivaram a comunidade de Monsanto no ritual do Descimiento que chegou até à actualidade?

O cântico da Verónica e o das Três Marias

Ditosa foi a mulher
Que foi ao monte Calvário.
Limpar o rosto de Deus
Senhor de Santo Sudário.

Concluído o cerimonioso ritual de colocar a imagem do Senhor morto, no esquife, e antes dos irmãos se preparem para organizar a Procissão do Enterro do

Senhor, surge, no altar-mor, uma graciosa jovem monsantina que, após ter subido para um banco que um dos irmãos da Misericórdia colocara no preciso lugar em que o mesmo ritual há séculos se cumpre, dá início à representação cénica da Verónica entoando com alma o respectivo cântico em latim cuja letra é retirada das Lamentações de Jeremias, no Cap. I, n.º 12, que a seguir se transcreve: *O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, attendite et videte si est dolor sicut dolor meus.*



A tradução é a seguinte: *Ó vós todos, que passais pelo caminho, parai, parai e vede se há dor semelhante à minha dor.* Quando a cantora, trajada com um vestido de seda de cor branca, pronuncia, pela primeira vez, a palavra latina *attendite*, bruscamente desenrola o sudário onde está estampado o rosto doloroso e ensanguentado de Cristo. No final do cântico, toca a matraca o irmão que colocara o banco para subir a Verónica, denominada no Alentejo por *padeirinha*.

Tal representação cénica que chegou até aos nossos dias e não é descrita por nenhum dos quatro evangelistas, resulta da tradição oral que, a seguir, descrevo

resumidamente. Conta-se que uma padeira que se encontrava a tender o pão para depois cozer no forno, ao dar conta que Cristo seguia, junto de sua casa, com a cruz às costas a caminho do Calvário, correu ao Seu encontro e limpou-Lhe o rosto numa alva toalha onde ficou estampado o mesmo, ensanguentado. Matos (1952), na descrição da Sexta Estação da Via Sacra, intitulada *Uma piedosa mulher limpa o rosto de Jesus*, anota:

Consideremos o heroico gesto da mulher chamada Verónica que avança através da multidão e dos soldados para ver o divino Jesus. Vê-O cingido de cadeias, coroado de espinhos com os membros desfalecidos e banhado em suor e sangue. Tão pungente espectáculo comove a sua alma até às lágrimas.

O seu amor vence todos os receios e então, aproximando-se de Jesus, enxuga-lhe o rosto desfigurado, aquela face augusta que arrebatava e deslumbra a todos os Santos e diante de cujo esplendor os anjos se cobrem com as asas”.

Ali vão as Três-Marias

Ai! Todas três a chorar(i).

À cata de Jesus Cristo

Ai! Sem o poderem achar(i).

Ouvido o plangente cântico da Verónica, ainda dentro da Igreja Matriz, imediatamente as Três-Marias, junto do esquife, entoam o cântico dos Eus.

Relativamente ao cântico das Três-Marias em Monsanto, Salvado (2011), escrevera:

“Pelas noites de Sexta-Feira Santa e, durante a procissão do Enterro que da Igreja de S. Salvador conduz o esquife com a imagem do Senhor morto até à Igreja da Misericórdia, sobressai um cântico do qual se desprende uma subtil tristeza. Irrompe na noite como um lamento sentido e profundo arrancado do fundo da alma, respondendo ao lúgubre som das matracas e ao canto entristecido da Verónica. Entoam-no três mulheres vestidas de negro, de cabeças cobertas por lenços e xailes negros, em sinal de luto, como outrora era usual nas aldeias da Beira. (...) É o cântico dos ÉUS, como lhe chamam em Monsanto: «Éus, É-é-é-éus, É-é-é-éus, Mi Domnié, Éus, É-é-éus, Éus-ééus; Éus, é-é éus, Éus-éus-éus, Salvator noster!»

No fluir do tempo, muitas têm sido as montanãs que emprestaram a sua voz a este cântico, quase lamento, triste e angustiado. Outrora cantavam-no três irmãs do Lugar de Maria Martins: Maria Rodrigues Azinheira, Ana Azinheira e Hermínia Azinheira, e, em certos anos a uma delas juntavam-se duas vizinhas; Ti Matilde (do Zé Costa) e Ti Maria de Jesus (do António Costa), depois foi a vez da gente da Vila: Adriana azinheira, Irene Gregório e Maria da Luz Azinheira, vinda do Lugar de Maria Martins.

Há alguns anos que três dos elementos do reconhecido grupo Adufeiras de Monsanto, Amélia Fonseca, Lídia Amaral e Celeste Recheda dão expressão à força dramática deste belo cântico, mas neste ano de 2011, as vozes de Adriana Azinheira, Irene Gregório e de Maria da Luz Azinheira, voltaram a ecoar pelas ruas de Monsanto.

Este Cântico dos Eus constitui, a par da descida e da Adoração do Senhor na Cruz, do Canto da Verónica e do Arrependimento de Maria Madalena, um momento pleno de significado nas vivências quaresmais em Monsanto da Beira”.

Graça Capinha, professora doutora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, idanhense de gema, que assistira à representação cénica de ambos os cantos de Monsanto, referiu-me quanto apreciara a riqueza das nossas tradições ainda vivas em algumas das terras arraianas da Idanha. Começou por salientar que, após a proibição do teatro pela igreja no século V, voltara a haver referências ao teatro, novamente e quase que por ironia do destino dentro do espaço da igreja, a partir do século IX. Chamavam-se "tropos" a estas representações, que eram em latim e que tinham como actores os próprios sacerdotes. A mais antiga de que há referência era precisamente "o tropo das Três Marias", exactamente o que tinha acabado de ver e que é descrito pelos medievalistas. Estes "tropos" eram representados por alturas da Páscoa um pouco por toda a Europa. Como o povo não sabia latim, era a forma achada para os fazer perceber a ressurreição de Cristo: visualmente, dramatizando o acontecido. Acrescentou ainda que estes tropos atraíam tanto público que começaram a ser alargados a mais episódios bíblicos (1º primeiro, à volta da Paixão e da Ressurreição; depois, ao Natal, etc.). No século XI, supõe-se, estes tropos passaram para o adro das igrejas e começaram a ser falados em língua vernácula. E, finalmente, nos séculos XII e XIII, passaram à forma de "*miracle plays*", também chamados "*pageants*" (por causa dos carros em que eram representados) e percorriam todas as ruas das cidades. Tais representações cresceram de tal modo que passou a representar-se toda a história

bíblica. Supõe-se também que a Festa do Corpus Christi (sem explicação litúrgica) tenha sido criada para que estas peças fossem representadas: chegavam depois a durar semanas e eram representadas (e pagas) pelas corporações/guildas de artífices e comerciantes (exemplo, os aguadeiros responsabilizavam-se pelo episódio do Dilúvio). A colectânea escrita mais antiga, em Inglaterra, é do século XIV.

A Procissão do Enterro do Senhor

Organizada a procissão, à frente vai a cruz preta com a toalha branca. Posiciona-se depois o pendão de damasco roxo com a orla e as maçanetas douradas, que vai enrolado e deitado. À semelhança do pendão, também a bandeira das almas, ambas conduzidas por irmãos, segue deitada. Atrás desta, vai o Senhor Morto, no esquife, coberto com o pálido. As figuras de Madalena e das Três Marias vão atrás do esquife. Imediatamente a seguir vai a imagem denominada de Nossa Senhora das Lágrimas, também conduzida, pelos irmãos, o pároco, a Verónica e o irmão que transporta o banco e toca a matraca.

No rústico e encantador cenário do casario Monsanto com ruas estreitas, verdadeiros labirintos, e diminutos largos do percurso por onde passa a procissão nocturna, em noites frias, por vezes gélidas, apenas os plangentes cantos da Verónica, seguido do das Três Marias, quebram um silêncio de oiro que espelha a fé e a piedade popular das gentes Monsanto. Estas, na maioria de pele enrugada e de mãos crespas em quem vão minguando as forças, os sorrisos, as esperanças e os dias da sua finitude terrena, estão habituadas ao sofrimento por força de uma vida rural dura e difícil e também a agradecer a Deus, aos santos e santas da corte celestial os favores e a protecção dos seus.

Os sítios das práticas de ambos os cantos também de rua são os seguintes: à saída, junto do portal da igreja; no cruzeiro, frente ao edifício onde funcionaram os correios; no início do largo da Praça; próximo da antiga farmácia e, de novo, à beira do portal da igreja matriz. Os citados sítios do percurso, conforme planta topográfica anexa, são os seguintes: adro da igreja, rua Fernando Ramos Rocha, largo do Cruzeiro, rua Marquês da Graciosa, rua do Castelo, largo da Misericórdia, rua da Capela e adro da igreja.

Recolhida a procissão, os fiéis e a irmandade voltam a ocupar todos os bancos da matriz e, antes de se iniciar o Sermão do Senhor Morto, escutam, pela última vez, o canto da Verónica e o das Três Marias. Logo que o sermão termine, a irmandade prepara-se para reconduzir, quer a imagem de Nossa Senhora das

Lágrimas quer o esquife com a imagem do Senhor Morto, à igreja da Misericórdia.

Reorganizada a procissão, volta a ir à frente erguida a cruz preta com a alva toalha dependurada, seguida do Guião e da Bandeira das Almas, deitados. Incorpora-se na mesma, a grande maioria dos fiéis que participaram nas cerimónias anteriores, reinando um profundo silêncio, durante todo o itinerário e até que as imagens sejam colocadas, no interior da igreja, nos devidos lugares. Na despedida, após comemoração, fé e rituais vividos com serena intensidade perante ambas as imagens, tal como acontecera com seus pais e avós, volta a morar, no íntimo dos monsaninos, um irresistível anseio e uma desmedida esperança de novo encontro, no ano seguinte.

SÁBADO DE ALELUIA EM IDANHA-A-NOVA

Breve introdução

Uma singular e secular tradição idanhense, repleta de místico simbolismo, é a do Santo Sepulcro. Na manhã anterior ao Sábado de Aleluia, a de Sexta-Feira Santa, a capela lateral de São Jacinto da igreja matriz, fica linda e artisticamente enfeitada, pelos irmãos da Confraria do Santíssimo Sacramento, transparecendo na sua arquitectura efémera o Santo Sepulcro. Este, ornado de inúmeras cabeleiras atrás referidas, evocando a passagem da semente morta à nova planta, símbolo da morte e da vida, símbolo da morte de Cristo e da Sua Ressurreição, é um dos centros vitais da expressão da fé dos idanhenses.

Nessa mesma Sexta-Feira Santa, à noite, após ter entrado na igreja matriz a procissão do Enterro do Senhor, os irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova que conduziram o esquife com a imagem de Cristo morto, de tamanho natural, depositaram-na no arcaz que servira de sepulcro, precisamente, no interior da dita capela de S. Jacinto, profusamente ornamentada, como atrás referi.

Na noite de Sábado Santo, a Missa da Aleluia que se celebra na igreja matriz inicia-se habitualmente pelas 21,00 horas. Muito antes do início da mesma, começa a encher-se o adro de gente e a ouvir-se, de quando em vez, o toque dos apitos e de um ou outro chocalho que a rapaziada mais nova exhibe com satisfação.

Bem perto da hora do início da missa com a igreja e o adro apinhados de gente, o alvoroço cresce com a chegada dos componentes da Filarmónica Idanhense acompanhados do mestre, mas sem envergarem a farda, vestidos como no dia

a dia. Vão posicionar-se ordeiramente, no guarda-vento da igreja matriz que se encontra de portas escancaradas.

No momento em que o pároco se coloca paramentado em frente do altar para iniciar a missa, a filarmónica começa a tocar o hino da Aleluia ou da Virgem do Almurtão e irrompem de imediato os toques dos assobios e dos chocalhos por uns momentos. De seguida, a filarmónica inicia o animado e ruidoso cortejo pelas ruas da vila a anunciar a Ressurreição de Cristo, pelo longo e antigo percurso da procissão do Senhor dos Passos, acompanhada de centenas e centenas de crianças, jovens e adultos tocando os assobios e chocalhos.

Fechadas as portas do guarda-vento, em plena paz e harmonia, com a igreja cheia de fiéis, o pároco com o turíbulo donde saem baforadas de fumo do incenso queimado, dirige-se para a capela lateral de São Jacinto, onde incensa o Santo Sepulcro.



De seguida, regressa frente ao altar, e inicia a missa vespertina. Tendo em conta a tradição local, a celebração da Vigília Pascal ocorrerá, no dia seguinte, na missa de Domingo de Páscoa. Acontece que muitos dos que se incorporaram no animado e ruidoso cortejo participam, na manhã seguinte, não só na missa do Domingo de Páscoa, mas também na procissão da Ressurreição que a precede.

No final da missa de Sábado de Aleluia, um grupo espontâneo de adufeiras, ao ritmo dos míticos e arcaicos adufes, canta as Alvissaras ao pároco que presidiu

à Eucaristia e os fiéis presentes também se envolvem cantando na alegria de Cristo Ressuscitado, quadras como estas:

- | | |
|---|---|
| – Já apareceu a Aleluia,
Quem a achou, quem a acharia? | Já os campos enflorescem,
O rosmaninho tem flor(i). |
| – Achou-a o Senhor Vigário,
No Sacrário de Maria. | Já os passarinhos cantam,
A Ressurreição do Senhor(i). |

Com a saída dos participantes da *Missa da Aleluia* e quase em simultâneo com a chegada do animado e divertido cortejo que percorreu as ruas da oitocentista vila anunciando a Ressurreição de Cristo, ao som da Filarmónica Idanhense, dos apitos e dos chocalhos, um mar de gente enche o amplo adro. Ninguém arreda pé.

Ali mesmo, como é costume, convidadas pelo pároco as adufeiras e os elementos da Filarmónica entram, para a casa paroquial para confraternizarem à volta da mesa servida com iguarias.

A alegria do povo simples, bem expressa na moldura humana que enche todo o amplo adro, a escadaria e o patamar que conduz à torre sineira, aguarda o momento mais impressionante e hilariante quando o pároco e seus familiares começam a lançar à rebatina sacos de amêndoas das janelas e da porta de entrada da residência paroquial, para os mais jovens e até graúdos que se aproximam do alcance tentando agarrar, com ambas as mãos, um dos benditos sacos que voam pelo ar... É interessante observar, no meio de tantos e tantas com mãos no ar, que os mais sortudos são as crianças facilitadas pelos ombros dos jovens pais...



Das centenas de pacotinhos de amêndoas lançados ao ar, muitos destes são abertos no final da risada geral e repartidos pelos amigos em redor. Tudo decorre em ambiente de fraterno convívio, nestas terras arraianas onde mora a paz e a ingénua franqueza e a franca hospitalidade das suas gentes.

De seguida, também ali bem próximo, na praça da República, a União de Freguesias de Idanha-a-Nova e Alcafozes organiza um animado convívio onde se come pão e chouriça assada, regada com vinho tinto, a evocar tempos antigos em que, após o “aparecimento da Aleluia”, os rapazes enchiam as inúmeras tabernas da vila para comer a chouriça que haviam *roubado* do fumeiro de seus pais.

Lá vem Sábado de Aleluia
Guitarras não faltarão.
Vêm do fundo da rua,
A cantar ao São João.

Mesmo durante a explosão de alegria, vivenciada nos acordes da filarmónica, nos sons estridentes dos apitos que ecoam no adro e até que chegue a meia-noite, além da presença dos irmãos do Santíssimo que se revezam, com as tochas acesas, em guarda de honra ao Santo Sepulcro, há também fiéis orando continuamente com indescritível devoção, dentro da Igreja Matriz.

Quando bate a meia-noite no relógio da torre, os irmãos do Santíssimo retiram, no mais profundo silêncio, a imagem do Senhor jacente, colocam-na no esquife e conduzem-na, acompanhados por um fidelizado grupo de fiéis que de ano para ano vai crescendo, até à igreja da Misericórdia, onde a respectiva irmandade os aguarda para posteriormente voltarem a colocar a Imagem, no camarim envidraçado do altar-mor. Curiosamente, a Imagem sai da igreja matriz pela porta lateral e entra na igreja da Misericórdia também pela porta lateral, como que às escondidas, decorrendo todo o ritual de uma forma recatada, discreta e silenciosa a indiciar um guardar com intimidade, mas com a mente de cada um a rogar a Deus para que, na seguinte e cíclica vivência pascal, possa estar presente com a saúde possível.

A INSCRIÇÃO DOS *MISTÉRIOS DA PÁScoa EM IDANHA* NO INVENTÁRIO NACIONAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL E NA LISTA DAS MELHORES PRÁTICAS DA UNESCO

Entendeu em boa hora a Câmara Municipal de Idanha-a-Nova convidar o antropólogo Paulo Lima para elaborar a inscrição dos Mistérios da Páscoa em Idanha, no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. As várias saídas de campo que este investigador efectuou, no território do concelho de Idanha-a-Nova, relativas ao património associado ao Ciclo da Páscoa, possibilitaram organizar um conjunto de registos que, após aturado estudo e reflexão, o surpreenderam pela diversidade, qualidade e quantidade de manifestações da piedade popular e evidenciaram o notável esforço e a enraizada dedicação das comunidades e instituições que não só é louvável, mas dignas de constituir um referente para outras comunidades do país e do mundo. Daí que o citado antropólogo ousou propor ao presidente da Câmara Municipal, eng.º Armindo Jacinto, a construção de propostas de salvaguarda e de promoção, bem como, não só a inscrição dos Mistérios da Páscoa em Idanha no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, mas também a produção de um dossier com uma proposta para potencial inscrição do bem patrimonial referido na Lista das Boas Práticas da UNESCO.

Esta proposta conjunta foi aceite pelo presidente da Câmara e apresentada em público, no passado dia 2 de fevereiro do ano de 2017, no Salão Nobre dos Paços do Concelho da vila de Idanha-a-Nova, com a presença de Sua Excelência o Senhor Ministro da Cultura, o idanhense Dr. Luís Filipe Castro Mendes, aquando das comemorações do 20.º aniversário do Centro Cultural Raiano. Na alocução alusiva ao acto, Sua Excelência, o senhor Ministro, ao referir-se à candidatura da inscrição dos Mistérios da Páscoa em Idanha, na Lista das Boas Práticas da UNESCO, afirmou que “é um projecto ao qual estamos atentos, receptivos e apoiantes”. O dossier com uma proposta para potencial inscrição deverá ser apresentado até ao último dia do mês de março de 2018 e o resultado final só se saberá para além de um ano depois.

Todos os que nos orgulhamos de ter nascido no concelho de Idanha e os que o adoptaram por opção sentir-nos-íamos subidamente honrados com tal distinção. Mas mesmo que o resultado não seja de sucesso, tal com diz Fernando Pessoa, *tudo vale a pena quando a alma não é pequena*. Valerá sempre a pena para memória futura o registo documental, fotográfico e fílmico que suportará o dossier da candidatura e o site www.pascoanaidanha.pt, demonstrativos do titânico esforço das hospitaleiras e crentes gentes das terras arraianas da Idanha que de

uma forma activa e amorosa preservam com muita pureza, devoção e fé as mais belas vivências da devoção popular onde o profano e o sagrado, ora se enleiam, ora se enovelam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Rosette Felino (1992), *Monsanto. A Memória de Pedra*, Porto, Figueirinhas.

ANDRADE, Mário Marques de (1949), *Subsídios para a Monografia de Segura – aldeia raiana das mais pitorescas*, Lisboa, Edição do Autor.

BLASQUEZ, Francisco Xavier & MONZÓN, Luís (1992), *Semana Santa Salmantina Historia y Guia Ilustrada*, Salamanca, Amarú.

CATANA, António Silveira & FERREIRA, Hélder (2005), *Mistérios da Páscoa em Idanha, Idanha-a-Nova*, Câmara Municipal.

CATANA, António Silveira (2007), *O Convento de Santo António de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova*, Câmara Municipal.

GARCIA, Maria Antonieta (2010), “Judeus no Concelho de Idanha-a-Nova, no Séc. XVII”, *Memória e História Local: Colóquio Internacional*, Coimbra, Palimage.

MATOS, José Lourenço Pereira de (1952), *A Chave do Céu* (nova edição melhorada), Porto, Livraria Figueirinhas.

SALVADO, Maria Adelaide Neto (2001), *Elementos para a História da Misericórdia de Monsanto*, Idanha-a-Nova, Câmara Municipal.

SALVADO, Maria Adelaide Neto (2011), *Cântico das Três Marias*, Monsanto da Beira, Sirgo-Letras e Artes.